

Caldas da Rainha  
**CENTRO CULTURAL  
e Congressos**

 **REPÚBLICA  
PORTUGUESA**  
CULTURA, JUVENTUDE  
E DESPORTO

**opart**  
ORGANISMO  
DE PRODUÇÃO  
ARTÍSTICA, EPE

**TNSC**  
TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

© Bruno Simão

QUI  
**27**  
NOV  
19H00  
CCC | GRANDE  
AUDITÓRIO  
MÚSICA | M / 6

# **PETITE MESSE SOLENNELLE**

## **Coro do Teatro Nacional de São Carlos**

**CENTRO CULTURAL E DE CONGRES-  
SOS DAS CALDAS DA RAINHA  
27 DE NOVEMBRO DE 2025, ÀS 19H**

Gioachino Rossini (1792-1868)

***Petite messe solennelle***

***Kyrie***

***Gloria***

- *Gloria in excelsis Deo*
- *Laudamus te*
- *Gratias*
- *Domine Deus*
- *Qui tollis*
- *Quoniam*
- *Cum sancto Spiritu*

***Credo***

- *Credo in unum Deum*
- *Crucifixus*
- *Et resurrexit*
- *Et vitam venturi*

***Sanctus***

***O salutares hostia***

***Agnus Dei***

Rita Marques, Soprano  
Natália Brito, Meio-soprano  
Marco Alves dos Santos, Tenor  
Carlos Pedro Santos, Baixo  
Nuno Margarido Lopes, Harmónio  
João Paulo Santos, Piano e Direção  
musical

Coro do Teatro Nacional de São Carlos  
(Maestro titular Giampaolo Vessella)

Duração: 80 minutos

Vamos ouvir uma Missa Solene que é ... «pequena / *petite*» - não é um paradoxo, é Rossini, que nos legou com a sua música uma das visões mais optimistas e risonhas do mundo. A *Petite messe solennelle* é uma daquelas centenas de obras que o compositor escreveu depois da subida à cena da sua última ópera - *Guilherme Tell*. Composta em 1863, 34 anos depois dessa estreia, a *Petite messe* foi escrita em Passy, onde Rossini decidiu passar as últimas décadas da sua vida e onde — para além de cozinhar infatigavelmente — recebia com a mulher os amigos de ambos, nuns célebres *samedi soirs*. Para esses amigos, Rossini inventava petiscos e compunha pequenas peças de câmara, muitas vezes vocais, a que chamou os seus *péchés de vieillesse* / *pecados de velhice*. A missa parece ter sido encomendada pelo conde Alexis Pillet-Will, a cuja mulher, Louise, foi dedicada. Rossini indicou que queria 12 cantores no total: oito coristas e quatro solistas. A inabitual orquestração para vozes, dois pianos e harmónio bebia na tradição napolitana do século XVIII.

A obra é estruturada nas várias secções da tradição da *missa solemnis*, mas Rossini caracterizou essa solenidade, num gesto irónico, como «pequena» - *petite*. Uma Missa Solene, mas Pequena. Na última página do manuscrito escreveu «Senhor, eis terminada esta pobre pequena missa. Terei escrito música sacra ou sacrílega? Eu nasci para a *opera buffa*, como sabeis: técnica, não muita, um pouco de coração ... e é tudo.»

A obra foi estreada a 14 de março de 1864 no hotel da condessa Pillet-Will em Paris. Solistas foram as célebres irmãs Carlotta e Barbara Marchisio (renomadas intérpretes da música do

compositor), o tenor Italo Gardoni e o baixo Luigi Agnesi. Nessa ocasião, Rossini virou as páginas e marcou o tempo com a cabeça. A essa estreia assistiram Giacomo Meyerbeer, Daniel Auber e Ambroise Thomas, o que prova a expectativa com que a obra de Rossini era esperada por alguns dos mais importantes criadores líricos em voga na França da época. No dia seguinte, outra apresentação teve já a assistência da imprensa. A receção à obra não foi unânime. Giuseppe Verdi, por exemplo, escreveu, logo em 1864: «Rossini tem estudado e feito progressos! Mas estudado o quê? Eu, pessoalmente, aconselhá-lo-ia a desaprender música e a escrever outro *Barbeiro de Sevilha*.» Em 1867, três anos depois, Rossini orquestrou a obra, mas vários acontecimentos fizeram com que esta nova versão apenas tivesse sido estreada a 24 de fevereiro de 1869, já depois da morte do compositor. A primeira apresentação da nova versão foi dada na Salle Ventadour em Paris. Alguns julgam-na mais conseguida do que a original, mas Rossini preferia a primeira.

Apresentaram-se na Salle Ventadour como solistas algumas das mais gloriosas estrelas da companhia do Théâtre-Italien: Gabrielle Krauss, soprano principal da Opéra durante mais de um decénio e primeira intérprete mundial da ópera *Fosca* de Carlos Gomes; o tenor francês Ernesto Nicolini (que nasceu Ernest Nicolas), futuro marido de Adelina Patti; e o baixo Luigi Agnesi. *Last but not least*, o celeberrimo contralto Marietta Alboni, de quem o grande poeta norte-americano Walt Whitman escreveu: «A voz de Marietta Alboni teve enorme influência em mim; sem ela, *Leaves of Grass* não teria existido».

Esta grande estrela esteve em Portugal de finais de outubro de 1954 a abril do ano seguinte. Cantou no Teatro de São Carlos *La cenerentola*, *La favorita*, *La sonnambula*, *Il trovatore*, *Anna Bolena*, *La fille du régiment*, *Il barbiere di Siviglia*, *La gazza ladra* e *Semiramide*. Também se apresentou no Palácio das Laranjeiras, no Teatro do Conde de Farrobo.

A Missa estrutura-se seguindo as cinco usuais secções do texto litúrgico: *Kyrie* desenvolvido em três partes; *Gloria*, em seis; *Credo*, em quatro; *Sanctus* (que inclui *Hosanna* e *Benedictus*) e *Agnus Dei*. Rossini juntou ainda dois trechos instrumentais: um *Preludio Religioso* (Prelúdio e Fuga) para o Ofertório; e um pequeno Ritornello antes do *Sanctus*. Para a segunda versão foi ainda escrita uma ária para soprano: «O salutaris hostia», com texto de Tomás de Aquino.

A audição da *Petite messe solennelle* de Rossini transmite-nos sempre uma sensação verdadeiramente otimista, do mundo e da música.

JORGE RODRIGUES



**Rita Marques**  
*Soprano*

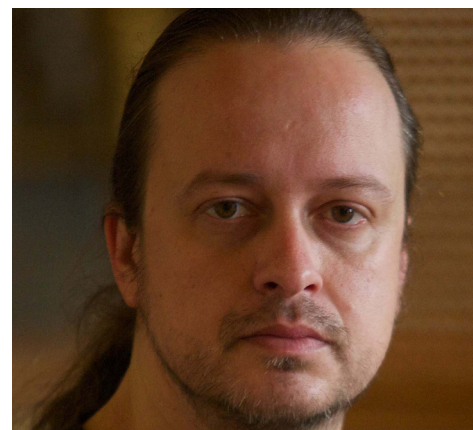
Natural de Caldas da Rainha, é licenciada em canto pela Escola Superior de Música de Lisboa (ESML) na classe de Sílvia Mateus. Em 2016-17, frequentou o Centre de Perfectionnement Plácido Domingo, em Valência, onde trabalhou com Ramón Tebar, Fabio Biondi e Roberto Abbado. Foi Governess em *The turn of the screw*, Britten (C. Franklin/D. Livermore) e Roggiero em *Tancredi*, Rossini (R. Abbado/E. Sagi). Em 2017, colaborou com Plácido Domingo no seu concerto em Lisboa, com direção de Eugene Kohn. Em 2018, obteve o 2.º prémio e o Prémio do Público no 10.º Concurso de Canto da Fundação Rotária Portuguesa. Participou no «Concurs Internacional de Cant Tenor Viñas», Operalia, «38th Hans Gabor Belvedere International Singing Competition» e 18.º «Concorso Lirico Internazionale Ottavio Ziino». Em janeiro de 2020, foi Anna Kennedy em *Maria Stuarda*, de G. Donizetti (TNSC, Carminati/De Rosa) e, em março de 2020, foi Lakmé em *Lakmé*, de L. Delibes (Proyecto Opera de la Universidad de Valladolid).



**Natália Brito**  
*Meio-soprano*

Iniciou os seus primeiros estudos musicais como instrumentista em saxofone e, posteriormente, concluiu o curso de canto do Conservatório Nacional de Lisboa com Maria Cristina de Castro. Trabalhou interpretação de ópera e concerto e música barroca com Mercè Obiol, Enza Ferrara, Elvira Ferreira, Elisabete Matos e Jill Feldman. Ganhou uma bolsa de estudo para o curso «Opera Plus» na Bélgica, onde trabalhou com Muai Tuang, Sarah Walker e Vera Rosza. Do seu repertório de concerto, destacam-se, entre outros: *Dixit Dominus* e *Missa* de Carlos Seixas; *Misa Cubana* de J. Maria Vitier; *Ode to the Birthday of Queen Anna* de Händel; *Gloria* e *Magnificat* de Vivaldi; *Magnificat* e *Paixão segundo S. Mateus* de Bach; *Missa da coroação* de Mozart; e *Missa* de José João Baldi, que gravou em CD com a Orquestra Filarmonia das Beiras. Em ópera, destacam-se os papéis de Índia velha na ópera infantil *O Achamento do Brasil*, D. Teresa da Cantata *O Conquistador*, ambas de Jorge Salgueiro, Magdalena em *Rigoletto*, Madrigalista em *Manon Lescaut*

e Lettera em *La bohème*. Já colaborou com a Orquestra Filarmonia das Beiras, Orquestra Sinfónica Juvenil, Orquestra de Cascais e Oeiras, Orquestra do Atlântico, Sinfonietta de Lisboa, Orquestra Sinfónica Portuguesa e Orquestra de Câmara da Banda Sinfónica da GNR. Foi solista na estreia da obra *Lux Prima Spei* do compositor Pedro Teixeira da Silva. É membro efetivo do Coro do Teatro Nacional de São Carlos desde 2007. É professora de técnica vocal, tendo já lecionado em algumas escolas do concelho de Sintra, e foi também maestrina fundadora do Coro da APRIA.



**Marco Alves dos Santos**  
*Tenor*

Licenciado pela Guildhall School of Music and Drama (bolseiro Gulbenkian). Apresentou-se em papéis como Tamino (*Die Zauberflöte*), Ernesto (*Don Pasquale*), Anthony (*Sweeney Todd*), Duca (*Rigoletto*), Tristan (*Le vin herbé*), Die Hexe (*Hänsel und Gretel*), Gilvaz (*As guerras de Alecrim e Manjerona*), Governor (*Candide*), Ferrando (*Così fan tutte*), Prunier (*La rondine*), Arbace (*Idomeneo*), Tybalt (*Roméo et Juliette*),

Almaviva (*Il barbiere di Siviglia*), Acis (*Acis and Galatea*), Male Chorus (*The rape of Lucretia*), Aegisth (*Elektra*), D. Ottavio (*D. Giovanni*), Nemorino (*L'elisir d'amore*), Arturo (*Lucia di Lammermoor*), Conte Alberto em *L'occasione fa il ladro*, e Alfred (*Die Fledermaus*), entre outros. Em concerto, destacou-se em *Récitant (L'enfance du Christ)*, Evangelista nas *Oratórias de Natal, Páscoa, Ascensão e Paixão segundo S. João* de Bach, 9.ª Sinfonia de Beethoven, *Messiah* de Händel, *Petite messe solennelle* de Rossini, *Requiem* e *Missa da coroação* de Mozart, *Serenade for tenor, horn and strings* e *War Requiem* de Britten, *La bonne chanson* de Fauré, *Te Deum* de Bruckner, *Carmina Burana* de Orff, *Magnificat* e *Paixão segundo S. João* de Bach, Ferrando (*Così fan tutte*) e as árias de tenor da *Paixão segundo São Mateus* para a Gulbenkian, entre outras.



**Carlos Pedro Santos**  
*Barítono*

Natural de Lisboa, cidade onde iniciou os seus estudos musicais. Diplomou-se em canto no Conservatório de Amesterdão, em 2002, com o barítono Udo



Reinemann. Interpretou a *Missa em Dó Maior* de Beethoven, *Um requiem alemão* de Brahms, o *Requiem* de Fauré, o *Requiem* de Mozart, o *Messias* de Händel, a *Messa di Gloria* de Puccini e a *Cantata Ich Habe Genug* de Bach, entre outras obras. Trabalhou com a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a Zurich Sinfonietta e a Filarmonia das Beiras, sob a direção de Graeme Jenkins, Donato Renzetti, António Lourenço e Giovanni Andreoli. Participou na estreia de *Post-truth*, obra do compositor e maestro João Tiago Santos. Em ópera interpretou: Don Alfonso (*Così fan tutte*, de Mozart), Aeneas (*Dido and Aeneas*, de Purcell), Crown (*Porgy and Bess*, de Gershwin), L'horloge (*L'enfant et les sortilèges*, de Ravel), Franck (*Die Fledermaus*, de Strauss), Bartolo (*Le nozze di Figaro*, de Mozart), Ben (*The telephone*, de Menotti) e Pluton (*La descente d'Orphée aux enfers*, de Charpentier). Foi membro do Coro Gulbenkian e membro fundador do Coro Gregoriano de Lisboa e do quarteto Tetvocal. Com estes, destaca-se a gravação de cinco discos. É membro do Coro do Teatro Nacional de São Carlos, desde 2003.



### Nuno Margarido Lopes *Harmónio*

Nasceu em 1975 em Vila Franca de Xira. Estudou no Instituto Gregoriano de Lisboa e, mais tarde, cursou piano na Escola Russa de Arcos do Estoril, com Alexei Eremine, e composição, com Evgueni Zoudilkin. Tem colaborado frequentemente com diversas orquestras, como Orquestra Gulbenkian, Orquestra Sinfónica Portuguesa, Orquestra Metropolitana, Sintra Estúdio de Ópera, Camerata Vianna da Motta e Camerata Atlântica, assim como com o Coro Lisboa Cantat, Coro da Universidade Nova de Lisboa, Coro Capela Nova, Coro D. Luiz e Coral de São José. Em 1997, iniciou a sua colaboração com o Teatro Nacional de São Carlos, onde se fixou e exerce atualmente as funções de pianista na Orquestra Sinfónica Portuguesa, de maestro correpetidor e assistente do maestro João Paulo Santos. Dirigiu e coordenou o projeto Coro Juvenil de Lisboa, de 2011 a 2020, e é presentemente maestro e diretor artístico do Ensemble São Bernardo.



### João Paulo Santos *Piano e Direção musical*

Nascido em Lisboa, concluiu o curso superior de piano no Conservatório Nacional desta cidade na classe de Adriano Jordão. Trabalhou ainda com Helena Costa, Joana Silva, Constança Capdeville, Lola Aragon e Elizabeth Grummer. Como bolseiro da Fundação Gulbenkian, aperfeiçoou-se em Paris com Aldo Ciccolini (1979-84). Estreou-se na direção musical em 1990 com *The bear* (W. Walton), encenada por Luis Miguel Cintra. Dirigiu óperas para crianças, musicais, concertos e óperas nas principais salas nacionais. Estreou em Portugal, entre outras, as ópera *Renard* (Stravinski), *Hanjo* (Hosokawa), *Pollicino* (Henze), *Albert Herring* (Britten), *Neues vom Tage* (Hindemith), *Le vin herbé* (Martin) e *The English cat* (Henze) e estreias absolutas de obras de Chagas Rosa, Pinho Vargas, Eurico Carrapatoso e Clotilde Rosa. É responsável pela investigação, edição e interpretação de obras portuguesas dos séculos XIX e XX. A sua carreira atravessa os últimos 40 anos da história do Teatro Nacional de São Carlos, onde principiou como correpetidor e

maestro titular do Coro, desempenha do atualmente as funções de diretor de Estudos Musicais.

### Coro do Teatro Nacional de São Carlos

O Coro do Teatro Nacional de São Carlos, criado em 1943 sob a titularidade de Mario Pellegrini, tem atuado sob a direção de importantes maestros (Pedro de Freitas Branco, Votto, Serafin, Gui, Giulini, Klemperer, Zedda, Solti, Santi, Rescigno, Navarro, Rennert, Burgos, Conlon, Christophers, Plasson, Minkowski, entre outros) e colaborado com marcantes encenadores (Pountney, Carsen, Vick). Entre 1962 e 1975, o Coro colaborou nas temporadas da Companhia Portuguesa de Ópera (Teatro da Trindade), tendo-se deslocado com a mesma a Madeira, aos Açores, a Angola e a Oviedo. O conjunto tem regularmente abordado o repertório de compositores nacionais (Alfredo Keil, Augusto Machado) e tem participado em estreias mundiais de óperas de Fernando Lopes-Graça, António Victorino d'Almeida, António Chagas Rosa e Nuno Côrte-Real. Em 1980, formou-se um primeiro núcleo coral a tempo inteiro e, três anos depois, assumiu-se a profissionalização plena, sob a direção de Antonio Brainovitch. A partir de 1985, a afirmação artística do conjunto foi creditada a Gianni Beltrami, e o titular seguinte foi João Paulo Santos. Sob a responsabilidade destes dois maestros, o Coro registou marcantes êxitos internacionais: *Grande messe des morts* de Berlioz (1989 – Turim); *Requiem* de Verdi (1991 – Bruxelas) e Concerto Henze/Corghi (1997 – Festival de Granada). Giovanni Andreoli



assumiu o cargo em 2004. Sob a sua direção, o Coro averbou êxitos com um vasto e variado repertório. Em 2005, o Coro foi convidado pela Ópera de Génova para participar em recitas da ópera *Billy Budd* de Britten, convite que se repetiu em 2015. Giampaolo Vessella é o maestro titular desde janeiro de 2021.

## **Giampaolo Vessella** *Maestro titular do Coro do Teatro Nacional de São Carlos*

É, desde janeiro de 2021, maestro titular do Coro do Teatro Nacional de São Carlos. Estudou trombone, composição, música coral e direção coral no Conservatório de Música Giuseppe Verdi, em Milão. De 2016 a janeiro de 2021, foi maestro do Coro da Devlet Opera ve Balesi de Ancara e, de 2018 a janeiro de 2021, desempenhou as funções de orientador vocal do Coro da Radio e Televisão da Turquia. Simultaneamente a sua carreira como barítono solista, prosseguiu a atividade como maestro de coro, a partir de 1993, quando criou o Schola Cantorum «Cantate Domino» de Carbonate (Itália). Em 1996, fundou o Coro Euphonia, em Carbonate, do qual foi diretor artístico e orientador vocal. O Coro Euphonia foi levado a descoberta do mundo da ópera, tendo interpretado, ao longo dos anos, os mais importantes títulos do repertório melodramático. De janeiro de 2002 a 2016, dirigiu o Coro Lirico dell'Associazione Musicale Calauce de Calolziocorte (Itália). De 2006 a 2016, dirigiu o coro lírico Corale Arnatese e, de setembro de 2012 a 2015, foi o maestro do Coro Operístico de Mendrisio (Suíça). Em 2015, fundou o Coro Sinfónico Ticino. Durante vários anos, lecionou técnica, pedagogia e didatismo de canto para maestros de coro, em cursos organizados pela Unione Società Corali Italiane, de cujo Comité Artístico foi membro. Como *freelancer*, e regularmente convidado, por *ensembles* e coros, a orientar *masterclasses* e cursos de canto, tanto em Itália como no resto do mundo.